



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS  
CAMPUS VI – POETA PINTO DE MONTEIRO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

IVANILSON CARLOS TEIXEIRA DOS SANTOS

**O EXERCÍCIO DA DOR DE AMAR  
EM COMPOSIÇÕES DE JOHNNY HOOKER**

MONTEIRO  
2022

IVANILSON CARLOS TEIXEIRA DOS SANTOS

**O EXERCÍCIO DA DOR DE AMAR  
EM COMPOSIÇÕES DE JOHNNY HOOKER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

**Área de concentração:** Literatura

**Orientador:** Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva

**MONTEIRO-PB  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S231e Santos, Ivanilson Carlos Teixeira dos.  
O exercício da dor de amar em composições de Johnny Hooker [manuscrito] / Ivanilson Carlos Teixeira dos Santos. - 2022.  
26 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2022.  
"Orientação : Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CCHE."  
1. Dor de amar. 2. Música. 3. Johnny Hooker. I. Título  
21. ed. CDD 801.959

## **O EXERCÍCIO DA DOR DE AMAR EM COMPOSIÇÕES DE JOHNNY HOOKER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

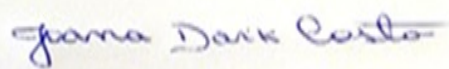
Aprovada em: 10/03/2022.

### **BANCA EXAMINADORA**



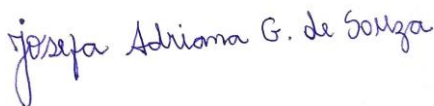
---

\_ Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva  
(Orientador) Universidade Estadual da Paraíba  
(UEPB)



---

Prof<sup>a</sup> Me. Joana Dar'k Costa  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



---

Prof<sup>a</sup> Esp. Josefa Adriana Gregório de Souza  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe/avó Ivonete Fidelis Teixeira  
(*in memoriam*) pela força, coragem,  
inspiração e amor.

Quanto mais se ama mais se sofre.  
J.D Nasio

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pelo dom da vida, por estar sempre ao meu lado nos momentos bons e ruins da minha caminhada como pessoa, me fazendo ter um bom coração e ser humilde com todos meus colegas e amigos.

Em segundo lugar, sou grato imensamente pela mulher da minha vida, aquela que me dava força, carinho, atenção e acima de tudo um grande amor, Ivonete Fidelis Teixeira (*in memoriam*). Ela me criou como filho, sendo minha vó, me apresentou a vida como realmente ela é, e me guiou por caminhos certos. Queria, poder olhar nos olhos delas e dizer meu muito obrigado e que te amo.

Quero agradecer do fundo meu coração ao meu orientador Marcelo Medeiros, pela paciência, puxões de orelha, explicações maravilhosas, dedicação. Ele foi uma inspiração para quebrar alguns paradigmas de modelos sociais que foram criados. Meu muito obrigado.

Quero agradecer aos meus amigos Alane Lima, Daniela Lima, Isa Taciana, Irani Maria, Jocilene Gadelha, Jadla Manuela, Josemar Sousa, Lucas Vieira, Luana Maria, Maria Lima, Sandro Riccely, Wesley Silva e a todos que sempre torceram pela minha vitória.

Quero também de forma especial, agradecer aos meus familiares que mesmo distantes me ajudaram de alguma forma, seja em oração, apoio e carinho, meu muito obrigado.

Aos amores que passaram na minha vida, foram a partir deles que comecei a ver o amor com algo que não só faz bem, mais que também pode machucar, especificamente dois desses amores que foram os que mais me fizeram rever a teoria do amor.

A esta universidade, seu corpo docente, direção, administração e demais funcionários, por todo empenho e dedicação com os alunos. A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação acadêmica, serei para sempre grato.

## **Sumário**

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>O amor e suas faces: breve diálogo teórico .....</b>	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>Amor, dor e superação: uma análise de letras de músicas de Johnny Hooker</b>	<b>15</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>27</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....</b>	<b>27</b>



# O EXERCÍCIO DA DOR DE AMAR EM COMPOSIÇÕES DE JOHNNY HOOKER

Ivanilson Carlos Teixeira dos Santos

## RESUMO

Tomando como *corpus* quatro letras de música do cantor e compositor Johnny Hooker, o presente artigo tem como objeto de estudo a representação da dor de amar em tais composições. Objetivamos estudar como se configura a expressão do sofrimento amoroso em “Amor Marginal” (2012), Volta (2015), “Você ainda pensa em mim” (2015) e “Corpo fechado” (2017). Para analisar o nosso corpus e alcançar o objetivo pretendido, acostamos nas orientações teóricas de Násio (2007) e Caruso (1984), autores que se voltam para a reflexão acerca da dor de amar e da separação dos amantes. Com o presente trabalho, ensejamos contribuir para a fortuna crítica acerca do trabalho de Johnny Hooker e, ao mesmo tempo, para os trabalhos que se voltam para o estudo das formas de expressão do sentimento amoroso em nossa cultura.

**Palavras-Chaves:** Dor de amar. Separação dos Amantes. Música. Johnny Hooker

## ABSTRACT

Taking as corpus and quantitatively, some lyrics by singer-songwriter Johnny Hooker, this article has as object of study a representation of the pain of loving in such compositions. We aim to study how the expression of love suffering is configured in “Amor Marginal” (2012), Volta (2015), “Você ainda pensa em mim” (2015) and “Corpo Fechado” (2017). To analyze our corpus and achieve the intended objective, we are based on the theoretical guidelines of Násio (2007) and Caruso (1984), authors who focus on the reflection about the pain of loving and the separation of lovers. With the present work, we aim to contribute to the critical fortune about the work of Johnny Hooker and, at the same time, to the works that focus on the study of the forms of expression of the loving feeling in our culture.

**Keywords:** Pain of loving. Separation of lovers. Song. Johnny Hooker.

## 1 INTRODUÇÃO

No imaginário social, é recorrente a ideia de que o amor é um sentimento forte que, ao mesmo tempo em que pode curar, é capaz de causar as dores mais lancinantes e deixar as cicatrizes mais profundas. “Quem ama inevitavelmente haverá de sofrer”. Aliás, Freud já assinalara que “nunca estamos tão mal protegidos contra o sofrimento como quando amamos, nunca estamos tão irremediavelmente infelizes como quando perdemos a pessoa amada ou o seu amor” (*apud* NASIO, 2007, p. 34). Por isso, reitera Nasio, “A Dor só existe sobre um fundo de amor”.

O par amor/dor tem fomentado muitas produções não apenas no âmbito da literatura, mas da pintura, da ópera, do teatro e da música. Em todas as artes e culturas, amor e dor serviu de alimento para a imaginação dos artistas. Além disso, a reflexão sobre amor e sofrimento tem sido o escopo de muitos trabalhos acadêmicos que procuram compreender como esses dois sentimentos se inter-relacionam e como os seres humanos lidam com eles. Para tal reflexão, as produções artísticas contribuem significativamente, uma vez que elas funcionam como repositório das emoções humanas e podem nos auxiliar na compreensão do humano.

Considerando-se o exposto, o objeto de estudo do presente trabalho é a dor de amar. Mais especificamente, procuraremos compreender como o sofrimento amoroso configura-se em composições de Johnny Hooker, cantor e compositor pernambucano que é um dos grandes nomes da nova geração Música Popular Brasileira (MPB) e tem sido destaque principalmente em meio ao público LGBTQIA+.

No início da carreira, fez pequenas apresentações em festivais da região pernambucana. No ano de 2009, participou do show de talentos no Multishow. A partir daí, surgiu o convite para escrever a trilha do filme *Tatuagem*. Gravou seu primeiro disco, “Eu vou fazer uma macumba para te amarrar, maldito”, que foi lançado em fevereiro de 2015. Assim como o primeiro disco, o segundo, “Coração”, lançado em 2017, foi gravado de forma independente e contou com a participação de Gabi Amarantos e Liniker.

Em suas músicas e performances artísticas, notamos que Johnny Hooker é um artista que parece partir da própria experiência de vida para a construção de uma arte de certa forma confessional que, por esse aspecto, tem cativado o público. Nesse sentido, o artista não tem medo de exprimir ao máximo a dor que sente por amar ou sofrer de amor, transmite, através de algumas de suas composições, experiências afetivas que vivencia ou

vivenciou durante sua vida amorosa. Suas composições conversam entre si, como se todas elas fossem uma única sinfonia e tocassem uma nota só: amar é sofrer.

Cada pessoa ama e, conseqüentemente, sofre de forma muito singular. Não há, pois, receita para amar tampouco para curar-se das dores que a vivência amorosa pode nos trazer. Cada qual tem sua maneira de expressar, na caligrafia de seus afetos, o traço com que escreve o amor e se inscreve na dor. Alguns expressam-se com mais intensidade, outros com menos e há ainda aqueles que não apresentam reação nenhuma, como se fossem indiferentes ao amor e à dor. Por isso, interessa-nos pensar como essa dinâmica entre amar e sofrer está transfigurada artisticamente em algumas composições de Johnny Hooker. Para tanto, o *corpus* de nosso trabalho é composto pela letra das seguintes composições: “Amor Marginal” (2012), Volta (2015), “Você ainda pensa em mim” (2015) e “Corpo fechado” (2017). Tal *corpus* será analisado à luz da perspectiva teórica de Násio (2007) e Caruso (1984). Esperamos, com o presente trabalho, trazer contribuições não apenas para a fortuna crítica do artista, mas, em especial, para os estudos que se voltam para as reflexões em torno das relações afetivas na contemporaneidade, sobretudo, para aqueles que têm como escopo a relação amor e dor.

## **2 O amor e suas faces: breve diálogo teórico**

A dor de amar caracteriza-se pela dor psíquica em virtude da perda brusca do ser ou objeto eleito como escopo de nossas pulsões. Quando o objeto é retirado ou retira-se inesperadamente, toda energia que lhe era investida perde o eixo em torno do qual gravita e isso leva a um desarranjo de nossas pulsões e, por sua vez, permite a abertura inicial para a acumulação do sofrimento, da dor e da tristeza, processo esse que só se findará quando se aprende a redirecionar a nossa energia psíquica para outro objeto de desejo, tarefa essa que muitos não conseguem realizar porque, narcisicamente, se comprazem no próprio sofrimento, são tragadas pela própria dor e, por isso, não conseguem arranjar um substituto para o objeto eleito que, uma vez perdido, deflagra todo o sofrimento psíquico

Ao falar sobre o narcisismo, Freud (1996, p. 54) afirma:

Não costumamos dizer que amamos os objetos que servem aos interesses da autopreservação; ressaltamos o fato de que necessitamos deles, e talvez expussemos uma espécie de relação adicional diferente para com eles [...]. Isso quer dizer que não necessariamente amamos esse novo objeto, ele apenas serve

como um bom substituto da figura do objeto eleito, causando pulsões descontroladas.

Já Násio (2007, p.27) lembra: “Na verdade, a dor não é a dor de perder, mas a dor do caos das pulsões descontroladas” porque se perdeu o centro, o objeto para o qual a energia psíquica convergia. Igor Caruso (1989, p.19), por sua vez, lembra que “Parece que a separação amorosa não é um acontecimento raro, vivido apenas pela minoria”. Boa parte dos seres humanos sofre de forma diferente a dor da separação, seja ela decorrente da morte, seja decorrente da separação física.

No imaginário social, há a cristalização da ideia segunda a qual, quando se ama, é-se capaz de avançar todo e qualquer limite ou fronteiras. Estamos imutáveis e bem mais determinados. Dentro dessa lógica, à medida que tratamos de amar o outro e nos sentimos amados, somos privados de sentir algum de tipo de afeto que remeta à dor. O amor seria, portanto, dentro do que apregoa o senso comum, essa espécie de anteparo contra as coisas do mundo. Talvez, por isso, quando o amor se desfaz seja pela dissolução do relacionamento, seja pela morte física de um dos amantes, muitos são tragados por uma dor profunda, ficando sem norte, sem chão.

Násio (2007, p.19) deixa claro que é preciso haver a presença de dois seres para compor a dor da ruptura: “o que sofre e o outro que acolhe o sofrimento”. O que sofre que é o ser que tenta viver a dor da partida do ente querido ou o fim de um relacionamento e o outro é o que irá passar por esse esvaziamento de dor em algum momento de sua vida. Em *A Separação dos Amantes*, Caruso afirma que “uma das mais dolorosas experiências na vida humana, e talvez a mais dolorosa, é a separação definitiva daqueles a quem se ama” (CARUSO, 1984, p.25). Por isso, tal separação se assemelha à ideia de morte e dessa “morte” que ocorre na consciência é que surge o luto, esse sofrimento lancinante ante a perda irremediável do outro:

O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. Em algumas pessoas, as mesmas influências produzem melancolia em vez de luto; por conseguinte, suspeitamos de que essas pessoas possuem uma disposição patológica. [...]. Confiamos em que seja superado após certo lapso de tempo, e julgamos inútil ou mesmo prejudicial qualquer interferência em relação a ele (FREUD, 1996, p. 249).

A dor de amar só passa a ser mais forte quando temos consciência de que o amado não terá um retorno. Logo, a dor psíquica é a angústia causada pelo afastamento brutal do

ser eleito, afastamento esse que é decorrente não só da perda física do eleito do nosso coração, mas também de ações (abandono, humilhações) que nos levam a nos afastarmos de quem amos e a quem tributamos a razão de nossa própria existência:

[...] a dor psíquica é um sentimento exclusivamente provocado pela perda de um ser amado. Ela também pode ser dor de abandono. Quando o amado nos retira subitamente o seu amor; de humilhação, quando somos profundamente feridos no nosso amor-próprio; e dor de mutilação, quando perdemos parte do nosso corpo (NASIO, 2007, p. 21).

Inúmeros são, pois, os fatores que desencadeiam em quem ama a dor de amar, mas todos eles estão relacionados à perda do objeto amoroso ante a qual a dor psíquica é uma reação. Toda forma de amor ou de dor que vivemos está diretamente interligada a um objeto, a uma parte do corpo humano ou diretamente a alguém. Segundo Caruso (1989), a separação dos amantes tem um gosto de morte na relação, representando uma catástrofe no *ego*, porque tal dor provoca uma espécie de abalo na identidade de quem é afetado por ela de tal forma que rapidamente aciona alguns mecanismos diante do desespero ocasionado pela perda iminente ou já efetivada.

Assim, ante tal separação, a reação de quem fica envolto na dor do término é certa agressividade para com quem partiu. Ainda de acordo com Caruso (1989), o processo de separação dos amantes desencadeia um mecanismo de defesa, na medida em que o amor se transforma em ódio, permitindo a *desidentificação* com o objeto. Por trás dessa agressividade, esconde-se a acusação sobre o abandono do ser amado, sendo o ódio uma consequência real de abandono.

Diante da separação, usa-se em alguns casos a indiferença para esconder o que está sendo destruído por dentro. É acionado pela inibição do ego ferido mediante o objeto eleito quando esse não mais atinge a estimativa do laço amoroso. Nesse momento, o sofrimento é necessário para sentir a indiferença do outro. Essa indiferença machuca mais ainda o ego que já se encontra ferido, causando a ruptura dos afetos entrelaçados. Násio (2007, p.48) respalda que “O vazio futuro não está diante de nós, mas em nós”. O vazio que a indiferença causa gira em torno da insatisfação significativa da perda. Esse fator se faz presente em casos em que o eleito não mais atinja o enlace fértil dos sentimentos amorosos. Como consequência, instalam-se a dor e o sofrimento. É prescrito conscientemente que “essa dor é a última muralha contra a loucura (NASIO, 1997, p. 12). Nesse aspecto, permanecem a dor e a insegurança de ficar sozinho, antes da loucura. É

claro que a dor não mata, mas pode causar a loucura e a busca da morte como alívio para o sofrimento descontrolado.

Além disso, é possível que, no lugar da agressividade e da indiferença, o sujeito abandonado lance mão de outro mecanismo de defesa: a fuga para novos prazeres como lenitivo para lidar com perda do seu objeto de desejo e reelaborá-la a fim de que não se encarcere mais na própria dor e sofrimento que tal perda provoca, uma vez que, como ressalta Násio (2007), a dor de amar não é sentida apenas em virtude da perda do ser amado, mas da permanência do ser amado como objeto de desejo e da conseqüentemente insistência do sujeito sofredor em continuar a amar mais do que nunca tal objeto desejo, mesmo sabendo que ele irremediavelmente encontra-se perdido.

A dor psíquica é uma prova por que precisamos passar diante da separação de um objeto cujo desaparecimento abrupto, em um primeiro momento, nos afeta, desestabilizando as nossas emoções, mas, em seguida, deve nos impulsionar a nos reconstruirmos. Ainda que a dor psíquica seja fruto da dor de separação de um objeto ao qual estamos intimamente ligados, Násio (2007. p. 23) afirma que não se morre de tal dor, mesmo que, no imaginário social, a morte seja apontada como o possível destino de quem foi abandonado.

Talvez porque a dor da perda seja uma dor traumática em virtude da consciência de que o outro, razão da dor, não passou de uma idealização do próprio sujeito que sofre. É inevitável que, quando se ama, não se idealize o outro. “Amar é idealizar o eleito” (NASIO, 2007. p.67). Por isso, a frustração ante o abandono do ser amado é uma frustração mais do sujeito que criou as idealizações. E o espanto ante a cegueira causada pelo desejo incessante de amar a si próprio no outro escolhido como centro das próprias projeções. Por isso, ainda conforme Nasio (2007, p.31), “A dor de amar é uma lesão do laço íntimo com o outro, uma dissociação brutal daquilo que é naturalmente a viver junto”.

Sendo uma lesão, espera-se que essa dor em algum momento passe e no local onde tal ela se instaurou seja iniciado o processo de cicatrização. A lesão do laço amoroso com o outro é, porém, a reação mais dolorosa que leva muito mais tempo a ser curada e em alguns casos as pessoas não se curam totalmente, prolongando o estado lutuoso e entrando em estado de melancolia, que seria, portanto, esse luto patológico, estado psíquico em que já se houve a instauração de uma sobrecarga afetiva que se cristalizou para sempre na representação psíquica do amado perdido, como se o sujeito melancólico tentasse em vão ressuscitar o objeto de desejo perdido. Por isso, para Freud, o luto patológico é o

amor congelado em torno de uma imagem. Nesse caso, a perda ficou radicalmente inconsciente.

Entretanto, esquecemo-nos que, em geral, quanto mais sente dor, mais se tem forças e disposição para conseguir se levantar e agir em prol de um novo recomeço. Cada pessoa que sofre a dor de amar vive de formas diferentes os impactos dessa separação e, conseqüentemente, ensaia formas e tempos distintos de reação porque “O amado cujo luto devo realizar é aquele que me faz feliz e infeliz ao mesmo tempo” (NASIO, 2007, p. 47). Talvez, por isso mesmo, a mais importante reação, embora também de acentuado grau de dificuldade, seja o movimento de esquecimento do amado, isto é, não o seu completo apagamento, mas o seu deslocamento do centro de nosso desejo de maneira que possamos abrir espaço para um novo eleito.

Não existe forma nenhuma proteção contra a dor de amar. Como seres de desejo, estamos susceptíveis a passar pela experiência da perda, da dor e do sofrimento que esse estado nos acarreta. Não há, pois, nada que nos impeça de cair nas águas caudalosas da dor de amar. Sempre vai haver uma brecha, uma perda de algo ou de alguém que fará o barco em que carregamos a nossa existência ser tragado para as águas da dor de amar. A nós, nos compete deixar o barco ser tragado por tais águas ou aprendermos a rema-lo de tal forma que possamos sair renovados depois da tempestade que se instaura ante a perda de nossos objetos de desejo.

### **3 Amor, dor e superação: uma análise de letras de músicas de Johnny Hooker**

A primeira composição de Johnny Hooker que vamos analisar se chama “Amor marginal”. Ela foi lançada em 20 de setembro de 2009, é uma das faixas do disco “Eu vou fazer uma macumba pra te amarrar, maldito” e fez parte da trilha sonora de *Babilônia*, novela da rede Globo. Segundo o próprio cantor, essa composição teve origem a partir de dois filmes: “A Noiva Cadáver” (2005) e “Contracorrente” (2009). Ela também se tornou videoclipe cuja direção coube a Matheus Senra e cujo roteiro foi feito pelo próprio Johnny Hooker em parceria com o diretor do clip. Eis a letra da música:

#### **Amor Marginal Johnny Hooker (2005)**

Minha flor, não me machuques  
Minha dor, não me abuses assim

Não tire mágoas  
Tire mágoas de mim

Meu amor, não me invadas  
Com o teu olhar  
Não me deixes aqui a gritar  
No meio do caminho, sozinho

Meu amor, não mais deixes escapar  
Nenhum desejo no teu olhar  
De pecados proibidos, esquecidos

Respirando mágoas de uma outra dor  
Do nosso caso imoral  
Desse amor, desse amor marginal  
Eu vou

Pra calar, o sexo mais banal  
Pra virar poesia  
Desse amor marginal  
Eu vou

Minha flor,  
Não mais deixes o azul dos dias nos calar  
Pois nesse mundo algo há  
De valer a pena, pequena

Meu amor, me faça acreditar  
Que tudo é possível,  
Pois eu temo que não amanheça  
Se você se for

O título da composição já é sintomático daquilo que ela irá tratar: um amor marginal, isto é, forma de afeto não reconhecida como legítima. Por isso, vista como desviante e, como tal, só possível de se manifestar à margem, às escuras, em meio a sombras. Por meio de vocativos distintos, o eu lírico refere-se ao outro do seu afeto como “minha flor”, “minha dor”, “meu amor”, evidenciando o quanto o ser amado é, a um só tempo, objeto de contemplação (flor), veneração (amor) e sofrimento (dor). Talvez, mais de sofrimento, uma vez que os versos iniciais trazem dois verbos (“não me *abuses*” / “não me *machuques*”) que estão ligados ao campo semântico de dor, sofrimento. Sobre a relação amor e dor, Nasio ressalta:

A dor é uma reação afetiva a uma perda brutal e violenta de uma parte que prezamos e da qual nossa unidade depende. Para fala de dor é preciso que haja uma perda, a perda violenta e imprevista de uma unidade. Se a perda não é brutal, não falo de dor, mas de sofrimento (NASIO, 2008, p. 50).



Na composição em análise, o par amar/sofrer deixa o eu lírico aturdido de tal forma que no terceiro e quarto versos da primeira estrofe há uma tensão a partir da ambiguidade que se instaura entre tais versos, visto que, ao mesmo tempo em que o eu lírico pede “Não tire mágoas”, também deseja “Tire mágoas de mim”, isto é, suplica, no primeiro caso, que o outro do seu afeto não lhe provoque mágoas, não o faça sofrer, portanto; mas, em sendo esse sofrimento inevitável, as mágoas sejam retiradas. Essa busca e o desejo pelo amado revela uma profunda dependência amorosa por parte do eu-lírico que impacta negativamente a autoestima do sujeito que sofre por amor e que imagina, por isso sofre, que sua existência só tem razão na relação quase que umbilical com o outro do seu afeto, este que o recusa, mas que, talvez, por isso mesmo, por ser sujeito da recusa, se torna mais e mais desejado por aquele que é recusado.

Nota-se, em toda a letra, uma atmosfera de sedução (“Meu amor, não me invadas/Com o teu olhar”), desejo (“Meu amor, não mais deixes escapar/Nenhum desejo no teu olhar”) e interdição (“Respirando mágoas de uma outra dor/ Do nosso caso imoral/Desse amor, desse amor marginal”). Não nos é esclarecida a natureza dessa interdição que já vem prenunciada no título da canção a partir do adjetivo “marginal” e é reiterada no corpo da letra da canção a partir de sintagmas como “pecados proibidos, esquecidos”, “nosso caso imoral”. Trata-se de um amor incestuoso, adúltero ou homoafetivo, tendo em vista que, sendo a heterossexualidade alçada à condição de modelo legítimo de desejo, as demais formas de expressão amorosa e sexuais são tomadas como desviantes, dissidentes, marginais.

Se homoafetiva<sup>1</sup> ou não, a relação que se delineia na canção é marcada pela impossibilidade de realização plena, já que, devido a sua natureza marginal, ela é vista em negativo e deve ser vivida às escondidas porque proibida, imoral, marginal. Ainda assim, talvez seja tal condição que faz com que essa relação se singularize de maneira que, daquilo que parece ser decorrente apenas dos instintos mais íntimos (“o sexo mais banal”), como se tudo o que é vivido, desejado fosse expressão de uma tara, é possível desentranhar poesia. Ora, nós sabemos o quanto, no nosso imaginário social, a poesia está atrelada à expressão do sentimento amoroso, notadamente aqueles marcados pela impossibilidade de realização, pela dor, pelo sofrimento, pela separação. Nesse sentido, a letra da canção insere-se dentro dessa tradição amorosa em que *amar* e *sofrer* são pares complementares, como se um não existisse sem o outro e a separação fosse um fantasma

---

<sup>1</sup> Vendo o clip essa dúvida se desfaz, porque nele a expressão “amor marginal” remete a um amor homoafetivo, traços que perpassa boa parte das canções de Johnny Hooker.

sempre à espreita dos amantes a anunciar o fim daquilo que deseja ser prolongado e, por não o poder ser, é vivido na maior intensidade.

Não por acaso, acentuando o caráter marginal de tal relação, mas também reiterando a impossibilidade de permanência dos amantes, é que o eu lírico pede ao ser amado que “Não mais deixeis o azul dos dias nos calar”. Ora, a expressão “o azul dos dias” remete-nos ao período diurno em que não é possível esconder aquilo que desejamos manter oculto. Por outro, tal pedido revela que ele foi feito, possivelmente, à noite, momento em que propício aos encontros amorosos de modo que os amantes podem estar juntos sem o receio de serem, facilmente, descobertos.

No contexto da letra de música, retardar o azul do dia pode ser o desejo para prolongar a permanência com o ser amado, uma forma de evitar o inevitável: a separação. Além disso, pode ser também a expressão do turbilhão de desejo que marca o estado intenso de envolvimento amoroso entre os amantes. Em outras palavras, esse desejo por retardar “o azul dos dias” marca o exagero do eu lírico, como sói acontecer com algumas relações passionais, na confissão do quanto se devota ao outro do seu afeto.

Tal exagero é acentuado, ao final da canção, quando o eu lírico confessa que, ante a partida do seu amado, a dor da ausência será tamanha que ele poderá morrer: “Pois eu temo que não amanheça/Se você se for”. A letra da canção é a expressão de um duplo canto de dor: o da condição amorosa marginal e o dos encontros furtivos em virtude daquela condição primeira. Tal condição instaura, em toda a letra da canção, uma acentuada nota de melancolia que nasce da necessidade de ocultar o que, a nosso ver, o eu lírico queria ver estandardizado: a comunhão amorosa. Entretanto, fica-lhe apenas o encarceramento no sofrimento decorrente da dor de amar.

“Volta”, segunda canção a ser aqui analisada, também faz parte do álbum “Eu vou fazer uma macumba para te amarra, maldito” e fez parte da trilha sonora do filme “Tatuagem”, cuja direção é de Hilton Lacerda. Eis a letra da música:

**Volta**  
**Johnny Hooker (20015)**

Volta  
Que o caminho dessa dor me atravessa  
Que a vida não mais me interessa  
Se você vai viver com um outro rapaz

Volta  
Que eu perdoo teus caminhos, teus vícios

Que eu volto até o início  
Te carregando mais uma vez de volta do bar

Volta  
Que sem você eu já não posso viver  
É impossível ter de escolher  
Entre teu cheiro e nada mais

Volta  
Me diz que o nosso amor não é uma mentira  
E que você ainda precisa  
Mais uma vez se desculpar

Então procurei  
Nos bares da Aurora me lamentei  
E confesso que talvez joguei  
Tuas fotos e discos no mar

Então procurei  
Pelo teu cheiro nas ruas que andei  
Nos corpos dos homens que amei  
Tentando em vão te encontrar

Então procurei  
Nos bares da Aurora me lamentei  
E confesso que talvez joguei  
Tuas fotos e discos no mar

Então procurei  
Pelo teu cheiro nas ruas que andei  
Nos corpos dos homens que amei  
Tentando em vão te encontrar

Volta  
Que o caminho dessa dor me atravessa  
Que a vida não mais me interessa  
Se você vai viver com um outro rapaz

Volta  
Que eu perdoe teus caminhos, teus vícios  
Que eu volto até o início  
Te carregando mais uma vez de volta do bar  
Volta

Se na letra anterior havia dubiedade quanto ao tipo de relação amorosa, isto é, se homoafetiva, heterossexual, incestuosa, nesta outra a relação amorosa é explicitamente demarcada: a sua natureza é homoafetiva. Toda a letra da canção é o lamento do eu lírico pelo retorno do outro do seu afeto que partiu, deixando-o na mais profunda e dolorosa solidão. Logo na primeira estrofe o eu lírico deixa claro que a razão de sua dor é o abandono de que foi vítima. O outro do seu afeto o trocou por outro rapaz. Como lembra Nasio (2007, p. 34), “Meu amado me protege contra a dor, enquanto o seu ser palpita em

sincronia com os batimentos dos meus sentidos. Mas basta que ele desapareça bruscamente ou retire seu amor, para que eu sofra como nunca”.

A dor do abandono e a ausência do amado levam o eu lírico a uma espécie de rebaixamento a que ele se assujeita e que o faz prometer esquecer e perdoar as traições vividas, como está dito nos seguintes versos: “Que eu perdoe teus caminhos, teus vícios/Que eu volto até o início/Te carregando mais uma vez de volta do bar”, o que acentua ainda mais o estado de dependência amorosa do eu lírico para com aquele que, abandonando-o, emerge como centro de sua dor.

Essa dependência é tal que o desejo de volta, insistentemente, reiterado ao longo da letra configura-se como uma súplica dilacerante de maneira que o eu lírico intensifica a razão do seu sofrer ao dizer que sem o outro do seu afeto já não pode mais viver e lhe é “impossível ter de escolher/ entre teu cheiro e nada mais”. A não aceitação da dor do abandono é tamanha que o eu lírico roga que o amado “ainda precisa/ mais uma vez se desculpar”, o que aponta para o fato de ter sido largado não uma única vez apenas, mas outras vezes.

Diante disso, parece-nos que o eu lírico compraz-se no sofrer porque, tendo sido largado em outras ocasiões, volta ao objeto de sua dor e insiste em manter-se ligado a um relacionamento que lhe causa sofrimento, como se, nesse caso, o amor fosse essa necessária expressão do sofrimento. Como lembra Nasio (2007), múltiplas são as naturezas da dor de amar:

A dor provém da perda da pessoa do amado. A dor provém do desmoronamento da fantasia que me liga ao amado. A dor provém do caos pulsional do isso, consecutiva ao desmoronamento da represa que era fantasia. A dor provém da hipertrofia de uma das imagens parcelares do outro desaparecido. (NASIO, 2007, p. 73).

Talvez por isso é que o eu lírico inicia uma verdadeira peregrinação não para livrar-se da dor, mas para encontrar aquele que é o motivo de seu sofrimento, frequentando lugares da vida boêmia do Recife, como a Rua Aurora (“Então procurei/Nos bares da Aurora me lamentei”) ou outros corpos que, assim como as ruas frequentadas, pudessem levar ao cheiro do amado perseguido, desejado, incessantemente procurado: “Então procurei/Pelo teu cheiro nas ruas que andei/Nos corpos dos homens que amei/Tentando em vão te encontrar”, mas irremediavelmente perdido.

Nessa busca, o eu lírico ensaia uma revolta, mas ela não é suficiente para suplantar o desejo pelo amado porque sequer tem certeza se se desfez dos objetos (fotos e discos)

que lembram o ser amado, como nos permite inferir o advérbio “talvez” que põe em suspenso e em dúvida a ação a ser desencadeada pelo verbo “jogar” nestes versos: “E confesso que talvez joguei/Tuas fotos e discos no mar”. De acordo com Marcondes, Trierweiler e Cruz (2006, p, 96), “Pensar com raiva só nas coisas ruins anestesia a dor de lamentar o que não deu certo. Em meio ao ódio, ao ressentimento e à dor, vem a tendência a denegrir, difamar e rebaixar o ex-parceiro para convencer-se de que não perdeu grande coisa”.

Mesmo tendo consciência de que o amado é a fonte de onde emana a dor de que é acontecimento, o eu lírico, ainda assim, apega-se a tal objeto de desejo, de maneira que a sua insistência em não se desprender da imagem do amado revela a inabilidade do próprio eu lírico para instaurar em seu inconsciente outro objeto de desejo, porque o antigo mantém-se ainda no campo de projeção, como uma imagem que não quer apagar:

Ora, não é a ausência do outro que dói, são os efeitos em mim dessa ausência. Não sofro com o desaparecimento do outro. Sofro porque a força do meu desejo fica privada de uma de suas fontes, que era o corpo do amado; porque o ritmo simbólico dessa força fica quebrada com o desaparecimento do compasso que os estímulos provenientes daquele corpo escandiam; e depois porque o espelho psíquico que refletia em minhas imagens desmoronou, por falta do apoio vivo em que sua presença se transformara (NASIO, 2007, p. 70).

Em outras palavras, a imagem do ser amado, nesta letra de música, torna-se uma onipresença psíquica e é responsável pelo desencadeamento do luto patológico, uma vez que o eu lírico reluta em aceitar que o seu objeto de desejo não existe mais, a não ser como falta, perda irremediável.

Porque não aceita tal verdade, o eu lírico faz com que a imagem do ser amado persista como uma sombra que não pode ser apagada e paira, portanto, como um fantasma que o próprio eu lírico persegue, mas não consegue eliminar ou sequer cogita tal possibilidade. Enredado na própria dor, o eu lírico não enxerga outra possibilidade a não ser permanecer sendo tragado pelo próprio sofrimento. Perde, então, o interesse pelo mundo externo e, inclusive, a vontade de viver no mundo, já que, sem o ser eleito, a existência torna-se pesada, dolorosa e, portanto, impossível (FREUD, 1996, p.143).

Assim, da instauração do luto como um fenômeno psíquico patológico, é sintomática a imagem do primeiro verso da letra da música: “Que o caminho dessa dor me atravessa”, o qual aponta para a persistência da dor de amar e a insistência do eu lírico em sofrer, como se, ao dizer da permanência do seu sofrimento, o eu lírico desejasse

despertar a comiseração do ser amado, mas este tomou rumo ignorado, deixando apenas como rastro o cheiro que impregna o coração do eu lírico de dor.

Também faixa do disco “Eu vou fazer uma macumba para te amarra, maldito” (2015), “Você ainda pensa” é a terceira letra sobre a qual nos deteremos. Ela trata da dissolução dos laços amorosos, mas notamos uma mudança na perspectiva a partir da qual o eu lírico enuncia o término do relacionamento. Se, nas letras anteriores, o eu lírico era tomado por um intenso sofrimento porque relutava em aceitar que o amor havia acabado, em “Você ainda pensa”, mesmo desfeita a relação amorosa, o eu lírico se compraz em persistir na memória do outro do seu afeto como insistente lembrança, espécie de nódoa que, por mais que se queira, não se consegue apagar:

### **Você Ainda Pensa?**

**Johnny Hooker (2015)**

Quando você saiu por aquela porta  
Me disse: "meu bem, já é tarde, não importa  
Você também vai encontrar um novo amor"  
Quando você saiu por aquela porta  
Me vi diante do espelho, perplexa, exposta  
E clamei aos deuses para lhe arrebatarem com a minha dor

Fiz da noite a minha morada  
Mil homens amei, bebi a madrugada  
Até você retornar com os olhos cheios de mágoas e o seu clamor, rá!  
Agora eu quero ver você me procurar, você se arrepender  
(Agora eu quero ver)  
Agora eu quero ver você olhar pra trás, se humilhar  
Já sei porque

Você ainda pensa em mim quando você fode com ele  
E você ainda pensa em mim, pensa em mim  
Eu sei que sim, sei que sim, sei que sim

Não é que na letra acima o eu lírico não sofra com o fim do relacionamento. Impossível ser indiferente àquilo que nos significa ou nos significou. Notamos que o sofrimento existe: há o abandono sem explicação alguma. O amado, de repente, resolve partir, mas não diz o porquê. A expressão “já é tarde” sinaliza para um possível desgaste da relação, como se, naturalmente, ela viesse ao fim. Além de não dizer as razões do término, o amado ainda parte, desejando que o eu lírico se conforme com o abandono porque, como consolo, resta-lhe o desejo do ex-amado de que também encontre um novo amor. Segundo Ferreira (2004, p.10):

Amar coloca em cena dois lugares: sujeito e objeto. Aquele sobre o qual se abate a experiência de que alguma coisa falta, mesmo não sabendo o que é, ocupa o lugar de amante. Aquele que, mesmo não sabendo o que tem, sabe que tem alguma coisa que o torna especial, ocupa um lugar de amado. O paradoxo do amor reside no fato de que o que falta ao amante é precisamente o que o amado também não tem. O que falta? O objeto de desejo.

No caso da composição em análise, ante a perda do seu objeto de desejo, o eu lírico é tomado pela perplexidade do fim do relacionamento e a conseqüente dor da perda daquele em que investiu sua energia psíquica. Por isso, o eu lírico clama a proteção dos deuses para que eles o vigiem por tal abandono: “Quando você saiu por aquela porta/ Me vi diante do espelho, perplexa, exposta/ E clamei aos deuses para lhe arrebatarem com a minha dor”.

Enquanto seu clamor não é atendido, o eu lírico, a fim de aplacar a dor do abandono, “F[e]z da noite a [sua] morada/Mil homens am[ou], beb[eu] a madrugada”. Ou seja, ensaiou formas de vivenciar e superar o luto. Mas, como afirma Nasio (1997, p.25), “a ruptura de um laço amoroso provoca um estado de choque semelhante àquele que é induzido por uma violenta agressão física”. Por isso, a dor da separação persiste. Ela só é ressignificada quando o eu lírico descobre que, mesmo tendo sido abandonado, ele persiste na memória do outro do seu afeto: “Até você retornar com os olhos cheios de mágoas e o seu clamor, rá!/Agora eu quero ver você me procurar, você se arrepender/(Agora eu quero ver)/Agora eu quero ver você olhar pra trás, se humilhar”.

A dor da separação é substituída pela satisfação em se saber não esquecido. Nesse momento, o eu lírico redescobre a própria autoestima e pode tripudiar de quem o abandonou e do outro por quem foi trocando: “Você ainda pensa em mim quando você fode com ele/ E você ainda pensa em mim, pensa em mim/ Eu sei que sim, sei que sim, sei que sim”.

O prazer aqui é duplo porque, ao mesmo tempo em que há a satisfação da consciência da permanência como objeto de desejo, a descoberta de saber-se desejado gera certo gosto de revide contra o amado e a pessoa por quem este trocou o eu lírico, como se o que havia sido pedido na primeira estrofe aos deuses tivesse sido concedido ao eu lírico. Este agora se compraz não em sofrer, mas ser a fonte de sofrimento para aquele que o havia largado por outrem e pairar como um fantasma na vida do ex-amado, interferindo no sucesso do novo relacionamento amoroso dele.

Nasio (2007, p.81) afirma que “Aquele que amo é aquele que me limita”. Nesse caso, o sujeito que ama só se acha capaz de ir mais adiante se o seu amado que

permanece como seu limite de um passo junto. Por isso, a perda do amado provoca em algumas pessoas as mais profundas desestabilizações. A ausência do amado faz com que o desejo do sujeito que ama perca o eixo e, da turbulência das pulsões decorrentes da desestabilização do seu sistema psíquico, a dor emerge como sintoma dos efeitos provados no inconsciente de quem foi abandonado porque, ainda segundo Nasio (2007, p. 81), “A perda do meu amado é também a perda do meu senhor. Assim, o trabalho do luto é a reconstrução de um novo limite”.

No caso da canção em análise, há a assunção do eu lírico a essa posição de limite. Ou seja, se antes ele estava na condição de servo do ente amado, agora, esta posição não lhe cabe mais porque foi preenchida justamente por aquele que o abandonou de maneira que o eu lírico se instaura como senhor daquele a quem antes servira como servo. Aqui, podemos dizer que o eu lírico dá a volta por cima do próprio sofrimento e se descobre senhor daquele que o abandonara, renunciando certo movimento de autonomia psíquica e ruptura com a dependência emocional que, como vimos, marca os eus líricos das letras das músicas anteriores.

A última composição a ser analisada é “Corpo fechado”. Ela faz parte de “Coração”, segundo disco de Johnny Hooker, que foi lançado em 2017. Nesta letra, o eu lírico distancia-se do sofrimento amoroso que foi a tônica das duas primeiras que analisamos (“Amor marginal” e “Volta”) e se aproxima da autonomia psíquica e independência emocional que vimos ensaiada na terceira composição (“Você ainda pensa”), como podemos antever a partir do próprio título da letra que faz menção a uma prática ritualística que visa conceder ao corpo imunidade contra danos, impedindo que a pessoa cujo corpo está sendo fechado venha a ser machucada. No caso da letra de Johnny Hooker, o corpo do eu lírico se fecha para os danos de natureza amorosa, já que a dor do abandono era o traço recorrente nas composições anteriores. Leiamos a letra antes de profundarmos em nossos comentários:

### **Corpo Fechado** **Johnny Hooker (2017)**

Se depender do seu ódio  
Eu não morro mais  
Se depender da sua inveja  
Eu não morro mais  
Se depender do seu veneno  
Eu não morro mais

Vai me ver dançando  
Vai me ver amando  
Vai cair pra trás  
Já me desenganei desse amor marginal  
Cê não vale um real  
Pelos bares que andei



De você me livre  
Cê não vale um real  
Então  
Chora, chora, chora  
Não  
Diz que vai embora  
Não  
Tá com inveja, aceita  
Não  
Vai cair, já deita  
Não  
Chora, chora, chora  
Não  
Diz que vai embora  
Não  
Tá com inveja, aceita  
Não  
Vai cair, já deita  
Não  
Se depender da sua empáfia  
Eu não morro mais  
Se depender da sua arrogância  
Vai sofrer demais  
Se depender do seu veneno  
Eu não morro mais  
Vai me ver dançando  
Vai me ver amando  
Vai cair pra trás  
Já me desenganei desse amor marginal  
Cê não vale um real  
Pelos bares que andei  
De você me livre  
Cê não vale um real  
Chora, chora, chora  
Não  
Diz que vai embora  
Não  
Tá com inveja, aceita  
Não  
Vai cair, já deita  
Não  
Chora, chora, chora  
Não  
Diz que vai embora  
Não  
Tá com inveja, aceita  
Não  
Vai cair, já deita  
Não  
Pensou que ia chorar por você  
Me apagar por você  
Me fazer sofrer  
Quero ver você se fu-!  
Pensou que ia chorar por você  
Me apagar por você

Me fazer sofrer  
Quero é ver você se  
(Quero é ver você se foder)  
Então  
Chora, chora, chora  
Não  
Diz que vai embora  
Não  
Tá com inveja, aceita  
Não  
Vai cair, já deita  
Não  
Chora, chora, chora  
Não  
Diz que vai embora  
Não  
Tá com inveja, aceita  
Não  
Vai cair, já deita  
Não  
Chora, chora, chora  
Deita, deita, deita  
Diz que vai embora  
Vai cair, já deita  
Chora, chora, chora  
Deita, deita, deita  
Diz que vai embora  
Vai cair, já deita  
Aí, Gaby, me ajuda  
Pra todo lugar que eu olho, mulher, só tem  
boy lixo  
Me arranja umas ervas, uma coisa assim  
Aí, migo, calma  
Toma um xiri da bôta e canta na cara desse  
boy assim, ó  
Nem vem com esse papo, que eu sei bem  
quem tu és!  
Tu já levou farelo, chora nos meus pés  
Tô pouco me lixando em te ver correndo  
atrás  
Não te faz de doido, só te digo uma coisa  
Vai me ver dançando  
Vai me ver amando  
Vai cair pra trás  
Vai me ver dançando  
Vai me ver amando  
Vai cair pra trás  
(Vai cair, é?)

Toda a letra da música destoa do tom das composições anteriores que eram marcadas por certa súplica, tristeza, dor e melancolia ante a não correspondência afetiva. Em “Corpo Fechado”, notamos uma outra diretriz discursiva. O eu lírico procura afirmar-se com sujeito, libertar-se das amarras emocionais que lhe venham causar sofrimento, o ser esvazia-se de qualquer sentimento que possa vir a lhe causar dor ficando um passo à frente de qualquer pessoa ou ser que possa ferir o seu íntimo.

Não é à toa que, em uma relação intertextual, esta letra remete às outras composições do próprio autor. “Pelos bares que andei” remete-nos à peregrinação do eu lírico de “Volta” que anda a esmo em busca do amado que o abandonou e cujo paradeiro é desconhecido, restando apenas o cheiro no ar como único vestígio de sua existência. E “Já me desenganei desse amor marginal” é uma citação direta a “Amor marginal” a cujo discurso amoroso “Corpo fechado” se contrapõe. Se, naquela, amar é sinônimo de sofrer; agora, nesta ele é correlato de alegria, de felicidade.

O eu lírico encontra-se inune contra o ódio, a inveja e o veneno de que, possivelmente, venha a ser alvo, mas, a nosso ver, o mais importante é o fato de ele não estar preso amorosamente a um único objeto de desejo. Agora, ele permite-se amar mais de um, como podemos depreender nos seguintes versos: “Vai me ver amando/Vai cair pra trás”. Segundo Patrício (2018, p.06), “Após algum tempo, a intensa valorização da imagem do objeto vai desaparecendo e a dor que isso trazia vai sendo abrandada”. Após um tempo, tudo aquilo que o ser presava ou sentia vai distinguindo-se com rio das memórias, esse rio vai levando para longe tudo que passou e vai ficando só o ser, que aprendeu com tudo que viveu e que agora não se submete mais a qualquer objeto, ele torna-se o dono do seu próprio legado de amor e dor, esses dois afetos passam a ser mais controlados perante o amor próprio. Relacionado isso à composição em análise, vemos que o eu lírico encontra-se maduro. Não se nega a amar, mas não se faz prisioneiro do amor. O outro não é mais a razão do seu viver porque ele aprendeu a ver-se como centro de sua própria felicidade, mostrando que não se morre de amor, mas que é preciso reinvestir a nossa energia psíquica em outros objetos de desejos (dançar, ter outros amores) de maneira que não nos encarceremos no sofrimento amoroso.

Em “Corpo fechado”, o eu lírico não se compraz apenas em dar a volta por cima. Ele ainda debocha de quem o fez sofrer, mostrando que, no lugar de estar enterrado na fossa, remoendo a dor do abandono, não insiste mais em alimentar a onipresença psíquica do objeto de desejo perdido, chegando a uma atitude lúcida que lhe permite ver tal objeto realmente como ele deve se lhe afigurar – irremediavelmente perdido –, e, ao mesmo tempo, também lhe possibilita permitir-se ter outros objetos de desejo. Estes não apagam

a imagem dos objetos antigos, mas convivem com eles no inconsciente do sujeito desejante. Nesse sentido, Nasio (2007, p.87) lembra que “[...] ficar de luto é aprender a amar de outra forma o morto, amá-lo sem estímulos de sua presença física”. Essa convivência é sinal de que tal sujeito aprendeu a lidar de forma madura com seus desejos e suas perdas, não sendo refém de nenhum deles.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O exercício da dor de amar em composições musicais de Johnny Hooker trilha um trajeto que transpassa o sentimento de amor para a dor do abandono e faz uma ponte entre o sofrimento da perda e a dificuldade de elaboração do luto.

Se, a princípio, o eu lírico das composições apresenta-se loucamente apaixonado, sendo capaz de mover céus e terras pelo objeto eleito de seu coração, em outras composições, esse mesmo eu lírico faz de sua própria dor, decorrente do abandono e da solidão, investimento para, em meio ao sofrimento, manter-se vivo e alcançar a graça do esquecimento daquele que lhe é a origem de todo o sofrimento: o amante ingrato.

Lidas em seu conjunto, as composições de Johnny Hooker parecem ser parte de uma única composição cuja sinfonia gravita sempre em torno da dor que o amor é capaz de causar.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CARUSO, Igor A. 1914, *A separação dos amantes: Uma fenomenologia da morte*/ Igor A. Caruso: [Tradução de João Silvério Trevisam] – São Paulo: Diadorim: Cortez 1989.

FERREIRA, Nadia. *A teoria do amor na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. (Edição standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, 54)

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. (Edição standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, 54)

Acesso em: <HTTPS://revistatrip.uol.com.br/tpm/conheca-johnny-hooker-cantor-do-recife-que-lancou-primeiro-disco-em-2015>. Acesso em 18 de setembro de 2019.

MARCONDES, Mariana Valença; TRIERWEILER, Michele; CRUZ, Roberto Moraes. Sentimentos predominantes após o término de um relacionamento amoroso. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v.26, n.1, p. 94-105, 2006.

NASIO, Juan- David, *A dor de amar/* J-D, Nasio: [Tradução André Telles e Lucy Magalhães]. – Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2007

NASIO, Juan- David, *A dor de amar/* J-D, Nasio: [Tradução André Telles e Lucy Magalhães]. – Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2008

NASIO, J.-D. *O livro da dor e do amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

PATRICIO, Pétrus David Sousa. *Amor que dói: o processo do luto na letra de canção Volta, de Johnny Hooker. Miguilim* – Revista Eletônica do Netlli, Crato, v.7, n.2, p. 522-537, maio-agosto. 2018.